

ESPELHO, GATO, SOL E OUTROS CONCEITOS: UMA COMPARAÇÃO ENTRE METÁFORAS E SÍMBOLOS

MIRROR, CAT, SUN AND OTHER CONCEPTS:
A COMPARISON BETWEEN METAPHORS AND SYMBOLS

Alice Ribeiro Dionizio | [Lattes](#) | alice.dionizio@ifsc.edu.br
Universidade Federal de Santa Catarina | Instituto Federal de Santa Catarina

Mileni Gertrudes Neis | [Lattes](#) | milenigertrudesneis@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este trabalho apresenta uma discussão sobre as relações de proximidade e de distanciamento entre dois conceitos muito estudados dentro da ciência da linguagem: metáforas e símbolos. Dessa forma, o objetivo principal do trabalho é propor uma análise comparativa entre a simbologia e a metaforicidade a partir de exemplos retirados do *Dicionário de Símbolos* de Chevalier e Gheerbrant (2015). Para tanto, recorreremos à Teoria Conceptual da metáfora de Lakoff e Johnson (2003) e das discussões realizadas por Chevalier e Gheerbrant (2015) acerca dos símbolos. Os resultados apontam para uma relação entre a construção da metaforicidade das metáforas estudadas e a simbologia dos elementos envolvidos (*Espelho, Estrela, Fogo, Gato e Sol*), ainda que os conceitos não sejam diretamente equivalentes. Essa proximidade pode ser explicada pelo fato de tanto as metáforas quanto os símbolos utilizarem o sentido conotativo dos conceitos para a construção de seus próprios significados. Por outro lado, a diferença crucial entre esses dois conceitos é explicada a partir da composicionalidade: as metáforas sempre aproximam dois conceitos/elementos para a construção de um novo sentido; os símbolos, por sua vez, não estabelecem essa comparação, não há composicionalidade na construção do sentido simbólico.

Palavras-chave: Metáforas; Símbolos; Composicionalidade; Dicionário de Símbolos; Teoria Conceptual da Metáfora.

Abstract: This work presents a discussion on the relationships of proximity and distance between two concepts that are widely studied within the science of language: metaphors and symbols. Thus, the main objective of the work is to propose a comparative analysis

between symbolism and metaphoricity based on examples taken from the *Dictionary of Symbols* by Chevalier and Gheerbrant (2015). To do so, we resorted to the Conceptual Theory of Metaphor by Lakoff and Johnson (2003) and the discussions carried out by Chevalier and Gheerbrant (2015) about symbols. The results point to a relationship between the construction of the metaphoricity of the metaphors studied and the symbolism of the elements involved (*Mirror, Star, Fire, Cat and Sun*), even though the concepts are not directly equivalent. This proximity can be explained by the fact that both metaphors and symbols use the connotative meaning of concepts to construct their own meanings. On the other hand, the crucial difference between these two concepts is explained based on compositionality: metaphors always bring two concepts/elements together to construct a new meaning; symbols, in turn, do not establish this comparison, there is no compositionality in the construction of symbolic meaning.

Keywords: Metaphors; Symbols; Compositionality; Symbol Dictionary; Conceptual Theory of Metaphor.

1 Introdução

Este artigo apresenta uma análise comparativa entre metáforas e símbolos, de modo a propor uma diferenciação entre esses dois conceitos que são, muitas vezes, tratados de forma equivalente. Desse modo, nosso objetivo é propor uma análise comparativa entre a simbologia e a metaforicidade a partir de exemplos retirados do *Dicionário de Símbolos* (Chevalier; Gheerbrant, 2015), o qual serviu de base para a coleta do *corpus* analisado neste trabalho.

É comum que diferentes culturas utilizem o recurso simbólico para atribuir sentido ao que desconhecem e/ou consideram demasiadamente complexo (Moura, 2012). As metáforas também são utilizadas com esse objetivo, mas há uma diferença crucial entre esses dois recursos: a abrangência dos sentidos criados e convencionalizados. Como a metáfora é também um signo, é possível que a ela outros signos sejam relacionados, auxiliando na delimitação do sentido proposto. Além disso, o contexto linguístico e social pode auxiliar na atribuição do sentido metafórico.

No caso do símbolo, a situação é diferente, uma vez que o sentido simbólico diz respeito mais ao que pode ser intuído, ou seja, o sentido nunca é dado de forma completa e imediata. Ademais, o sentido simbólico pode ser mais restrito quando o símbolo em questão faz parte de determinadas crenças que são compartilhadas por grupos específi-

cos. Nesse caso, somente quem compartilha dessas crenças e está incluído nesses espaços poderá atribuir sentido ao símbolo convencionalizado.

Nossa investigação foi construída a partir de cinco verbetes selecionados do *Dicionário de Símbolos – Espelho, Estrela, Fogo, Gato e Sol* –, a partir dos quais conseguimos elencar as seguintes metáforas: (i) ALMA É ESPELHO; (ii) SER FAMOSO (IMPORTANTE) É SER ESTRELA; (iii) AMOR (PAIXÃO) É FOGO; (iv) CORONAVÍRUS É FOGO; (v) SER BONITO É SER GATO; (vi) SER LADRÃO É SER GATO (GATUNO); e (vii) SER IMPORTANTE É SER SOL. Esse pareamento entre símbolos e metáforas foi realizado a partir de uma análise que considerou, primeiramente, a constituição simbólica desses elementos e, em seguida, os seus respectivos potenciais metafóricos. Dito em outras palavras: escolhemos os símbolos cujas palavras geram também, em outros contextos, metáforas. Dessa forma, estabelecemos a comparação entre o recurso simbólico e a metaforicidade, considerando para isso a composicionalidade da metáfora e a constituição simbólica dos símbolos.

Argumentamos neste artigo que o principal diferencial entre metáfora e símbolo diz respeito à característica da composicionalidade, uma vez que esta está presente na criação do sentido metafórico e ausente na constituição simbólica. Dito de outra forma: enquanto as metáforas são construídas a partir de uma aproximação entre dois conceitos, gerando um terceiro significado, o símbolo não é comparado a nenhum outro elemento, de forma que o sentido simbólico diz respeito ao sentido atribuído ao próprio símbolo, e a metáfora ao sentido resultante da composicionalidade.

Como forma de alcançar nosso objetivo, organizamos este artigo da seguinte maneira: a próxima seção é intitulada *Metáforas e Símbolos*, e com ela pretendemos discutir esses conceitos de maneira particularizada e de maneira comparativa. Na seção seguinte, *Percurso Metodológico*, buscamos, ainda que de forma breve, descrever o caminho trilhado neste trabalho, especialmente no que se refere às nossas análises. A seção quatro, *A relação entre metaforicidade e simbolismo*, apresenta nossas discussões e, por fim, apresentamos as nossas *Considerações Finais*.

2 Metáforas e Símbolos

Esta seção é dedicada à conceitualização das metáforas e dos símbolos. Para tanto, primeiramente apresentamos uma proposta de definição de metáfora a partir da Teoria Conceptual da Metáfora e, na sequência, apresentamos uma conceitualização de símbolo. Por fim, dedicamos a última subseção a diferenciar de maneira mais acurada esses elementos descritos e conceitualizados nas subseções anteriores, de maneira a explicitar os contrastes e as aproximações desses dois conceitos.

2.1 Metáforas

Em muitas situações, esses dois conceitos (metáforas e símbolos) são tratados como sinônimos, ou seja, a metáfora é tomada como um símbolo, e *vice-versa*. Um exemplo disso pode ser visualizado no *Sinônimos – Dicionário de Sinônimos* (versão online¹), pois, ao buscarmos pelo termo *metáfora*, o *site* nos dá como resposta: “Sinônimo de metáfora². 8 sinônimos de metáfora para 1 sentido de metáfora: 1. Comparação implícita de elementos: imagem, comparação, figura, **símbolo**, alegoria, representação, tropo, translação” (Neves, 2024, grifos nossos). Da mesma forma, se buscamos pelo termo *símbolo*, o mesmo *site* nos oferece a seguinte resposta:

Sinônimo de símbolo. 24 sinônimos de símbolo para 4 sentidos da palavra símbolo. 1. Sinal: distintivo, atributo, ícone, divisa, emblema, indício, insígnia, marca, signo, sinal. 2. Representação: espelho, estampa, expressão, figura, modelo, personificação, representação, reprodução, retrato, tradução. 3. **Metáfora**: alegoria, comparação, metáfora. 4. Na matemática: variável (Sinônimos... 2024, grifos nossos).

Como podemos observar, as definições oferecidas por esse *site* consideram que metáfora e símbolo são intercambiáveis, pois são considerados sinônimos. E mais: a metáfora é tomada como um tipo de sentido de símbolo (como podemos observar no item 3 dos sinônimos de símbolo). Isso posto, é preciso compreender como esses conceitos se aproximam, mas, principalmente, reconhecer que, sob o aspecto conceptual, símbolo e metáfora não correspondem ao mesmo processo de atribuição de significados.

No caso da metáfora, os estudos tiveram um grande impulso a partir da publicação da obra *Metaphors We Live By* (*Metáforas da vida cotidiana*, publicada em português), de George Lakoff e Mark Johnson (2003). Nesse livro, os pesquisadores propuseram que o nosso sistema conceptual é metafórico por natureza e, como consequência, estruturado a partir das metáforas conceptuais (ou metáforas primárias) expressas linguisticamente por meio das metáforas convencionalizadas (ou metáforas secundárias). O exemplo contido em (1) é de uma metáfora conceptual seguida de duas metáforas convencionalizadas (1a e 1b):

(1) TEMPO É DINHEIRO

(1a) Eu não posso gastar meu tempo com essas coisas sem sentido.

(1b) É um desperdício de tempo pensar em coisas que não podemos controlar.

¹ Este dicionário pode ser acessado por meio do endereço <https://www.sinonimos.com.br/>.

² Neste caso, o *site* fornece uma autoria mais precisa, pois há uma lexicógrafa responsável e citada antes do verbete: Flávia Neves.

Nos exemplos apresentados em (1), o *tempo* – elemento mais abstrato – é tomado em termos de *dinheiro* – elemento mais concreto –, e essa relação é a base da sistematicidade das metáforas, uma vez que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 5, tradução nossa³). Como consequência, nós acabamos por conceber o *tempo* como um recurso que pode ser *gasto* ou *desperdiçado*, a exemplo do que fazemos com o *dinheiro*.

Por essa característica sistemática, Lakoff e Johnson (2003) chamam a atenção para o fato de ser a metáfora sempre parcial, ou seja, a estrutura metafórica é sempre parcial porque uma estrutura total significaria a não necessidade da metáfora, pois uma coisa *seria de fato outra*, e não *tomada em termos de outra*. Como consequência, “quando nós dizemos que um conceito é estruturado por uma metáfora, nós queremos dizer *parcialmente* estruturado, e isso pode ser estendido de algumas maneiras, mas não de outras” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 13, tradução e grifos nossos⁴).

Essa parcialidade acaba por direcionar dois aspectos importantes: (i) quando uma metáfora é criada e utilizada, alguns elementos são destacados, enquanto outros são escondidos e/ou ignorados; e (ii) há um limite no processo interpretativo e de compreensão das metáforas que é permeado por aspectos de plausibilidade – os quais são previamente estipulados por meio da escolha dos elementos destacados e dos que ficarão ocultos. Sobre isso, Moura (2012, p. 48) relembra que “um conceito nos leva por alguns caminhos de interpretação, e não por todos”, ou seja, ainda que a interpretação metafórica não seja resultado unicamente da convenção linguística, não estamos diante de um jogo sem regras, pois nem todas as interpretações são possíveis.

Importante mencionar ainda que, ao proporem o que ficou conhecida como Teoria Conceptual da Metáfora (doravante TCM), Lakoff e Johnson (2003) discorreram principalmente sobre três tipos de metáforas primárias (ou conceptuais), a saber: (i) metáforas estruturais (as quais estruturam conceitos a partir de outros); (ii) metáforas orientacionais (as quais estruturam conceitos a partir de orientações espaciais); e (iii) metáforas ontológicas (nas quais a metaforização de conceitos é por meio de qualidades e/ou características humanas). Em todos esses casos, os autores mencionam que há uma grande influência da base experiencial e cultural, pois o processo de criação e de compreensão das metáforas não seria possível sem essas bases.

³ No original: “The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 5).

⁴ No original: “So when say that a concept is restructured by a metaphor, we mean that is partially structured and that is be extended in some ways but not others” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 13).

Como dito acima, a TCM considera que todas as metáforas possuem uma base experiencial e cultural para que possam emergir a partir das convenções linguísticas. Dessa forma, “[...] nenhuma metáfora pode ser compreendida ou mesmo formulada de forma adequada, independentemente de sua base experiencial” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 19, tradução nossa⁵). Ademais, quando falamos das metáforas, é preciso ter em mente que o sentido metafórico corresponde à criação de um novo sentido, ou seja, a partir de dois significados, um terceiro é criado (Moura, 2012).

Em resumo, o que discutimos até aqui diz respeito à composicionalidade metafórica, ou seja, a maneira pela qual a metáfora é construída, sendo que a metaforicidade só ocorre quando temos dois elementos (domínio-alvo e domínio-fonte) que poderão ser comparados e aproximados por meio da sistematicidade metafórica (o elemento mais abstrato é tomado em termos do elemento mais concreto). Por vezes, essa comparação surge como uma inovação, o que diferencia a metáfora da comparação. Contudo, essa dinâmica visualizada no processo de constituição do sentido metafórico não ocorre com o símbolo, conforme veremos a seguir.

2.2 Símbolos

No caso dos símbolos, não há a criação de um novo sentido, mas sim a representação de um sentido pré-estabelecido e socialmente compartilhado. Geralmente, os símbolos são utilizados dentro de grupos que compartilham um terreno conceptual comum (Tomasello, 2009), como é o caso do campo religioso. Conforme Moura (2012, p. 91), os “símbolos são muito usados em práticas religiosas e em associações mais ou menos secretas, como a Maçonaria. Isso ocorre porque, para se entender um símbolo, é preciso ter acesso à interpretação do símbolo, e o acesso à interpretação só é dado dentro de um grupo”.

Um símbolo pode adquirir diferentes formas, como uma roupa, uma imagem, uma cor ou, até mesmo, um alimento. Em outras palavras, diferentemente da metáfora, que é conceptual e expressa linguisticamente (um signo linguístico), os símbolos possuem um espectro muito mais amplo, e “qualquer coisa pode ser um símbolo, e um símbolo pode significar qualquer coisa” (Moura, 2012, p. 92). A Figura 1, apresentada a seguir, oferece alguns exemplos de tipos de símbolos.

⁵ No original: “[...] no metaphor can ever be comprehended or even adequately represented independently of this experiential basis” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 19).

Figura 1 - Exemplos de Tipos de Símbolos



Fonte: Elaboração própria (2024).

No caso dos símbolos de sorte, como o trevo de quatro folhas apresentado na Figura 1, as imagens, os objetos ou os atos – algumas ações podem também funcionar como simbologia de boa sorte – atuam como uma espécie de presságio de que algo bom pode acontecer. O mesmo acontece com os elementos que simbolizam o azar – na Figura 1, temos o espelho quebrado, que, segundo a crença popular brasileira, corresponde a *sete anos de azar*, ou melhor, representa essa condição para aquele ou aquela que quebrar o artefato. Segundo Câmara Cascudo (1998), o *Espelho* é envolto de inúmeras superstições, o que lhe atribui um caráter bastante universalista. Nas palavras do pesquisador,

São superstições inumeráveis, espalhadas por todos os recantos do mundo. [...] Os estudos de Frazer, Rank, Freud, Jung sobre as representações e equivalências da alma, espírito, sopro vital, vida entre os antigos, primitivos e povos de cultura rudimentar [sic] evidenciaram esse complexo etnográfico e religioso (Câmara Cascudo, 1998, p. 374).

Os símbolos religiosos, por sua vez, também podem ser considerados amuletos, uma vez que os devotos utilizam esses elementos na esperança de serem abençoados e/ou protegidos pelas entidades nas quais creditam sua fé. Além disso, quando utilizados

como acessórios, funcionam também como marca identitária desses fiéis, o que resulta na possibilidade de reconhecimento dos pares. A crença compartilhada acerca dos símbolos é o que permite que eles tenham uma função dentro dos grupos, uma vez que “esses amuletos são símbolos porque só representam uma proteção para aqueles que os interpretam como objetos dotados de algum significado ou poder particular” (Moura, 2012, p. 93). Além disso, “[...] um símbolo só funciona numa comunidade que compartilha crenças bem definidas, sejam elas religiosas ou sociais. O fato é que alguém de fora não atribui significado ao símbolo” (Moura, 2012, p. 93).

Strôngoli (2022, p. 195) afirma que há autores que

defendem que toda e qualquer imagem é um símbolo, o qual é concebido pela percepção como um elemento icônico. Contudo, no caso das línguas naturais, esse símbolo é manifestado por meio da palavra, o que resulta em uma dinamicidade e polissemia dos sentidos (assim como a própria palavra). Dito de outra forma, [...] o símbolo que se manifesta nessa palavra é também descrito como manifestação incompleta, ambígua e, sobretudo, paradoxal: está sempre livre para ter seu significado (re)criado em todo e qualquer instante; está sempre aprisionado à materialidade do significante.

Os temas imaginários, chamados de *desenho* ou *figura* do símbolo por Chevalier e Gheerbrant (2015), ainda que sejam praticamente universais (como o *leão*, o *touro*, a *lua* etc.), podem ter um sentido muito diversificado, especialmente porque a interpretação simbólica está relacionada com o aspecto cultural e social do qual emerge. Nesse sentido, a proposta do *Dicionário de Símbolos*, com cerca de 1.200 palavras, é a de, segundo os autores, encontrar e apresentar uma espécie de denominador comum, sem generalizar ou especificar excessivamente.

É importante mencionar ainda que o símbolo não fornece uma composicionalidade entre dois elementos, como a metáfora. Ou seja, o significado atribuído ao símbolo (como a um *leão*, ao *sol*, à *lua* etc.) não está diretamente associado e amparado a um segundo elemento, uma vez que a atribuição do significado simbólico é resultado de processos culturais e sociais que envolvem a utilização desses símbolos com diferentes propósitos. Sendo assim, o elemento *Fogo*, por exemplo, poderá funcionar como um símbolo de purificação para determinado grupo, enquanto para outro grupo poderá simbolizar destruição. Em outras palavras, não há na construção simbólica um pareamento entre os elementos, como acontece na sistematização do significado metafórico, pois *Fogo* é um símbolo em si mesmo, sem estar ligado a um domínio-alvo, já que não há a projeção de

significado que está presente na metáfora, na qual os significados dos elementos do domínio-fonte são projetados no domínio-alvo.

2.3 Metáforas e Símbolos: afastamentos e aproximações

Ainda que tomados algumas vezes como conceitos equivalentes (como no exemplo do *Sinônimos – Dicionário de Sinônimos* apresentado na subseção 2.1), os símbolos e as metáforas possuem diferenças que precisam ser consideradas. Nosso objetivo nesta subseção é, portanto, esclarecer como essas distinções podem ser observadas. Com base em Moura (2012), podemos sumarizar as seguintes diferenças entre metáforas e símbolos: (i) interpretação; (ii) arbitrariedade de definição; (iii) limite de significação; (iv) relação com o significado original (Moura, 2012). Além disso, é importante ressaltar que a contribuição deste artigo é a de destacar a questão da composicionalidade como um diferenciador entre metáfora e símbolo, considerando que está presente naquela e ausente neste.

Enquanto a metáfora é mais flexível em relação ao seu processo interpretativo (é possível que diferentes sentidos sejam atribuídos a depender do tipo de ouvinte e/ou leitor que interpreta essas metáforas), o símbolo possui uma interpretação mais direcionada e em consonância com um código pré-estabelecido dentro dos grupos em que ele é empregado. Dessa forma, “a interpretação de uma metáfora resulta do esforço intelectual de um indivíduo, ao passo que o significado do símbolo depende da autoridade e da tradição que estipulou aquela interpretação determinada” (Moura, 2012, p. 95). Como consequência, ainda que não haja uma arbitrariedade na interpretação de uma metáfora devido à plausibilidade (certas interpretações sendo mais plausíveis que outras), esse processo tende a ser mais aberto do que a atribuição de sentido a um símbolo, porque nesse processo há a presença de uma hierarquia dentro dos grupos a ser considerada: a atribuição simbólica requer o reconhecimento e a validação dos indivíduos que utilizam esse símbolo, e isso se dá por meio das crenças compartilhadas e da aprovação emitida pela autoridade dentro desses grupos.

A segunda diferença apontada por Moura (2012) retoma a sistematicidade da metáfora, uma vez que nem toda a combinação de palavras resultará em um significado metafórico: é necessário que um conceito seja tomado em termos de outro por meio da relação entre domínio-fonte (mais concreto) e domínio-alvo (mais abstrato). Por outro lado, o espectro do símbolo é maior, pois muitas coisas podem funcionar como símbolos (objetos, imagens, palavras, ações etc.), sendo necessária apenas a aprovação e a convencionalização dessa atribuição simbólica dentro do terreno conceitual comum comparti-

lhado pelos sujeitos que utilizarão esse símbolo. Além disso, não há nos símbolos a necessidade de comparação entre dois conceitos como acontece com a metáfora.

Outro aspecto que diferencia as metáforas dos símbolos diz respeito ao limite da significação, uma vez que aos símbolos podem ser agregadas sempre novas interpretações, “desde que sejam produzidas por aqueles que têm o poder de fornecer essas interpretações” (Moura, 2012, p. 95), enquanto no caso da metáfora, essa liberdade interpretativa é cerceada pelos próprios conceitos que a compõem, pois estes especificam o significado empreendido.

Finalmente, a quarta e última diferença mencionada por Moura (2012) diz respeito ao fato de não haver na construção simbólica uma alteração do significado original da coisa ou da imagem utilizada como símbolo: ainda que um *gato preto* seja tomado como símbolo de azar, não deixará de ser um felino de cor negra. No caso da metáfora, por outro lado, há a criação de um novo sentido, ou seja, se utilizamos o objeto *flor* para metaforizar uma *pessoa*, *flor* não significará mais essencialmente *flor*, pois um novo sentido é criado.

Mas por que utilizamos tantos símbolos? Segundo Moura (2012),

a razão disso talvez esteja no fato de que precisamos, a todo momento, interpretar os sinais e os signos do ambiente circundante, a fim de tomarmos as decisões corretas para a nossa sobrevivência e para o sucesso da vida em sociedade. Um símbolo fixa um significado para uma coisa e é indício de algo importante para nós. Temos uma enorme necessidade de atribuir significado àquilo que entendemos pouco ou de que temos medo. Daí, criamos símbolos. O mundo é uma floresta de símbolos (Moura, 2012, p. 96).

Partindo de uma abordagem terminológica, Chevalier e Gheerbrant (2015) também se preocupam em diferenciar os símbolos de outros conceitos confundidos com eles. Dentre esses conceitos, temos também a metáfora. Segundo os autores, “a **metáfora** desenvolve uma comparação entre dois seres ou duas situações, como, por exemplo, qualificar de *dilúvio* verbal a *eloquência* de um orador” (Chevalier; Gheerbrant, 2015, grifos nossos). Essa definição de comparação também é defendida por Moura (2012), o qual destaca que a metáfora amplia nossa capacidade de comparação, criando uma nova categoria. Isso não acontece com o símbolo, pois antes de uma comparação, oferece uma interpretação dependente de uma predisposição anterior, a qual é dada pelas crenças culturais, histórias, religiosas compartilhadas dentro dos grupos (Chevalier; Gheerbrant, 2015).

Essa comparação realizada pela metáfora que é mencionada por Chevalier e Gheerbrant (2015) e por Moura (2012) diz respeito à relação estabelecida entre o domínio-fonte e o domínio-alvo, como já mencionamos. No exemplo apresentado no *Dicionário de Símbolos* (doravante, DS), o termo *dilúvio* funciona como o domínio-fonte (mais concreto, pois é um evento da natureza), e o termo *eloquência* é o domínio-alvo (mais abstrato). Dessa forma, a essência da metáfora, para utilizar os termos de Lakoff e Johnson (2003), é facilmente comprovada: um conceito (*eloquência*) é tomado em termos de outro (*dilúvio*).

Gadamer (1976 *apud* Davey; Nielsen, 2023) defende que o símbolo não faz referência a algo que está fora, mas sim a si mesmo, ou seja, faz referência ao seu próprio significado – essa situação não é a mesma da metáfora, pois nela o termo metaforizado (domínio-fonte) faz necessariamente referência a outro significado (domínio-alvo). Como consequência, o significado simbólico nunca é dado de maneira completa ou imediata, pois é necessário que seja direcionado por crenças e/ou uma cultura que lhe confere sentido de maneira eficaz. Quando comparamos o símbolo com o signo (do qual a metáfora faz parte), percebemos que aquele vai além da própria palavra, evocando sentidos ocultos, o que parece revelar relações mais complexas do que as relações estabelecidas na determinação do sentido do signo/palavra/metáfora.

Ainda sobre essa questão, podemos resumi-la da seguinte maneira: mesmo que a metáfora e o símbolo sejam, em certo sentido, indeterminados, há uma diferença crucial entre eles, pois como a metáfora é também um signo, é possível que façamos composições com outros signos, averiguando por meio do contexto a real plausibilidade do significado atribuído – essa situação fica ainda mais evidente quando estamos tratando de metáforas já convencionalizadas pelo uso. O símbolo, por sua vez, aparenta uma abertura quase mística, metafísica, sendo muito difícil essa composição ou averiguação no contexto e, por isso, o sentido simbólico deve ser compreendido dentro dos grupos e/ou das crenças sobre as quais dizem respeito. Além disso, a metáfora é composicional e sistemática; o símbolo, não.

Até o momento, discutimos os aspectos que diferenciam as metáforas dos símbolos, mas há também semelhanças, como o fato de utilizarmos os dois conceitos para atribuir sentido ao que consideramos complexo e/ou abstrato. Além disso, conforme discutiremos com mais detalhes em nossas análises, tanto as metáforas quanto os símbolos consideram as conotações dos conceitos no processo de atribuição de sentidos. Contudo, como discutimos nesta seção, é fundamental que tenhamos em mente que símbolos e metáforas não são conceitos equivalentes.

3 Percurso metodológico

Esta investigação foi levada a cabo a partir de uma sequência de etapas, descritas a seguir. O primeiro passo foi a pesquisa bibliográfica. Depois, realizamos a escolha dos verbetes dentro do *Dicionário de Símbolos* (DS): a partir de uma leitura geral prévia, escolhemos cinco verbetes (*Espelho, Estrela, Fogo, Gato e Sol*), utilizando como critério a abrangência dessas figuras de símbolo, de modo que fossem termos utilizados também em metáforas conhecidas dentro da língua portuguesa para que pudéssemos estabelecer uma comparação entre a estruturação do sentido simbólico (apresentado no verbete do DS) e da relação entre domínio-fonte e domínio-alvo (a partir da construção da metaforicidade).

Importante mencionar também que, além dos verbetes do DS, em alguns casos apresentamos outros exemplos, que atestam o uso dos símbolos escolhidos, como excertos retirados da literatura. Além disso, nos casos em que o uso metafórico é mais inovador (não tão convencionalizado), buscamos na internet amostras desses usos para estabelecer um comparativo entre o uso simbólico e o uso metafórico daquele termo.

A próxima seção apresenta os exemplos escolhidos e as respectivas análises, as quais não esgotam as possibilidades, especialmente porque reconhecemos que a interpretação metafórica e simbólica resulta de uma base cultural e social, fazendo com que o sentido atribuído ao símbolo e à metáfora possa variar a depender daquele que interpreta.

4 A relação entre metaforicidade e simbolismo

Nesta seção, propomos uma análise comparativa entre metáfora e símbolo a partir de exemplos retirados do DS. Optaremos por seguir a ordem alfabética, a exemplo do que se faz no dicionário, e quando o verbete for muito longo, traremos apenas alguns excertos da definição apresentada.

O primeiro termo é *Espelho*. Segundo o DS,

Spéculum (espelho) deu o nome à **especulação**: originalmente, especular era observar o céu e os movimentos relativos das estrelas, com o auxílio de um espelho. Sidus (estrela) deu igualmente **consideração**, que significa etimologicamente olhar o conjunto das estrelas. Essas duas palavras abstratas, que hoje designam operações altamente intelectuais, enraízam-se no estudo dos astros refletidos em espelhos. Vem daí que o espelho, enquanto superfície que reflete, seja o suporte de um simbolismo extremamente rico dentro da ordem do conhecimento. [...]

O que reflete o espelho? A verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência: [...]

Embora sua significação profunda seja outra, o espelho é do mesmo modo relacionado, na tradição nipônica, com a revelação da verdade e não menos com a pureza. [...]

O espelho é, com efeito, símbolo da **sabedoria** e do **conhecimento**, sendo o espelho coberto de pó aquele do espírito obscurecido pela ignorância. [...]

Esses reflexos da Inteligência ou da Palavra celestes fazem surgir o espelho como o símbolo da **manifestação que reflete a inteligência criativa**. [...]

O emprego do espelho mágico corresponde a uma das mais antigas formas de adivinhação. Varron disse que ela tem origem na Pérsia. [...]

O tema da alma considerada como espelho, esboçado por Platão e por Plotino, foi particularmente desenvolvido por Santo Atanásio e por Gregório de Nissa. Segundo Plotino, a imagem de um ser está sujeita a receber a influência de seu modelo, como um espelho (Enéadas, 4, 3). De acordo com a sua orientação, o homem enquanto espelho reflete a beleza ou a feiura. [...] (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 393-396)

Como podemos observar por meio dos fragmentos, a simbologia do *Espelho* é bastante ampla e é encontrada em diferentes culturas. De maneira geral, ele está relacionado ao ato de ver, de adivinhar e de refletir. Além disso, simboliza o conhecimento, a sabedoria e a criatividade. Ademais, acredita-se que no *Espelho* podemos observar o reflexo da alma. Sobre essa crença, há na literatura brasileira um conhecido conto de Machado de Assis, *O Espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana*, no qual há uma menção simbólica desse objeto como uma marca da duplicidade da alma – o que se aproxima do exposto no último trecho acima. No caso do conto, o narrador e personagem principal (Jacobina) afirma ter tido medo de mirar-se no espelho e ver-se dividido, conforme podemos observar nos seguintes trechos:

Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

– Duas?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outros que olha de fora para dentro. Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. [...] Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja (Assis, 2016, p. 131). [...]

– Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o **espelho**. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de acabar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira,

nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho **com o fim justamente de achar-me dois**. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra [...] (Assis, 2016, p. 136, grifos nossos).

Nas palavras de Jacobina, o *Espelho* é a prova de que a alma humana se encontra dividida: o ser humano possui duas almas (interior e exterior), e o poder do *Espelho* reside no refletir essa duplicidade de maneira escancarada. Ou seja: não há como fugir dessa dualidade quando se está diante do *Espelho*.

No caso das metáforas, o termo *Espelho* também é utilizado: expressões como *espelhar X*, por exemplo, manifestam uma relação entre um domínio-fonte mais concreto (o próprio *Espelho*) e um domínio-alvo mais abstrato ou que precisa ser melhor definido, como é o caso de *espelhar amor* ou *espelhar bondade*. Além disso, há as expressões como *espelho da alma* e *espelho de Deus*, as quais fazem também uma referência ao ato de refletir. No caso da *alma*, é necessário que elementos mais concretos delimitem esse conceito tão difuso e flexível. Em uma busca no site *Google.com* encontramos vários exemplos dessa metáfora. Um desses usos é feito em uma canção gospel intitulada *Espelho da Alma*, do grupo *Pense*. Na letra, além do título,⁶ há também uso explícito dessa metáfora: “*Olhe os seus olhos no espelho da alma / Mas não perca a calma ao descobrir quem você é*”. No caso de *espelho de Deus*, por outro lado, faz-se uma alusão ao *agir conforme os preceitos de Deus*, ou seja, temos uma metáfora que utiliza o *Espelho* como domínio-fonte para fazer referência a um domínio-alvo mais abstrato, como as ações esperadas por Deus, ou que seriam tomadas também por Ele e que deverão ser repetidas por seus fiéis. A partir de uma busca também na internet, encontramos uma outra canção cristã que usa essa metáfora: trata-se da música *Espelho de Deus*, do cantor Fernando Iglesias: “*Pois tu és Deus de libertação que livras teus filhos da mais forte provação / Estou perdido mas quero ser teu irei mais além pra ser o espelho de Deus?*”. Essas relações dão origem à metáfora conceptual ALMA É ESPELHO.

A relação entre a simbologia do elemento *Espelho* e da metáfora ALMA É ESPELHO pode ser analisada a partir do sentido conotativo evocado pelo conceito-base (*Espelho*), pois tanto o símbolo quanto a metáfora exploram esse sentido para construir os seus próprios significados. Dessa forma, a metaforicidade utiliza a conotação do conceito pertencente ao domínio-fonte: se o *Espelho* é entendido figurativamente como um elemento

⁶ A letra completa pode ser acessada no link <https://www.letras.mus.br/pense/1879552/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

⁷ A letra completa pode ser acessada no link <https://www.letras.mus.br/fernando-iglesias/513727/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

que pode *espelhar* ou *refletir* o interior (como o sentido simbólico propõe), essa metáfora também empregará essa compreensão na construção de seu significado – *a alma é espelho, logo, a alma tem o poder de refletir o oculto, o interior etc.*

O segundo termo escolhido por nós foi *Estrela*:

No que concerne à estrela, costuma-se reter sobretudo sua qualidade de iluminar, de fonte de luz. As estrelas representadas na abóbada de um templo ou de uma igreja dizem respeito, especificamente, ao significado celeste desses astros. [...]

A estrela flamejante da Maçonaria procede do pentagrama pitagórico (algumas vezes denominado de selo de Salomão*, se bem que essa designação seja mais frequentemente reservada, na prática, ao hexágono estrelado, ou escudo de Davi). A estrela flamejante de cinco pontas é o símbolo da manifestação central da Luz, do centro místico, do foco ativo de um universo em expansão. [...]

Além disso, a estrela de cinco pontas é um símbolo do microcosmo humano; e a estrela de seis pontas, emblema do judaísmo, com seus dois triângulos invertidos e enlaçados (v. selo de Salomão*), simbolizaria o amplexo do espírito e da matéria, dos princípios ativo e passivo, o ritmo do seu dinamismo, a lei da evolução e da involução. [...]

Tanto para o Antigo Testamento quanto para o Judaísmo, as estrelas obedecem às vontades de Deus e, eventualmente, as anunciam (*Isaías, 40, 26; Salmos, 19, 2*), Portanto, elas não são criaturas puramente inanimadas: um anjo vela sobre cada estrela (*1 Enoch, 72, 3*). E daí para que se começasse a ver na estrela o símbolo do **anjo** era só um passo, que não tardou a ser dado: o Apocalipse fala de estrelas caídas do céu (6, 13), como se se referisse a anjos caídos. [...]

Finalmente, restaria ainda por assinalar que a profecia de Números, 24, 17 influenciou a simbólica messiânica, e que a estrela foi muitas vezes considerada como uma imagem ou nome do Messias esperado. [...]. (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 404-409).

Assim como acontece com *Espelho*, o símbolo *Estrela* é bastante abrangente. Segundo as definições trazidas por Chevalier e Gheerbrant (2015), a *Estrela* simboliza, principalmente, a iluminação, pois é fonte de luz. Além disso, ela pode significar outras coisas em determinados contextos religiosos (como o Judaísmo) e secretos (como a Maçonaria). Ademais, há o aspecto de obediência a Deus, bastante conhecido na cultura ocidental: são as estrelas que, obedecendo a Deus, anunciam aos Três Reis Magos o nascimento de Jesus (a *Estrela*, o messias esperado). Por outro lado, Lúcifer (no Antigo Testamento) é chamado de *estrela da manhã*, atribuindo à *Estrela* também uma referência aos *anjos caídos*, ou seja, às *estrelas caídas*.

No espectro metafórico, a *Estrela* é bastante utilizada também: expressões como *estrela da noite, estrela da festa, estrela do show* etc. aproximam esse elemento aos indivíduos

que possuem certo destaque reconhecido. Isso acontece porque a *Estrela* brilha e, como tal, as pessoas consideradas estrelas também o fazem (ainda que metaforicamente). Em outras palavras, na construção metafórica, as pessoas consideradas importantes e destacadas por alguma razão (domínio-alvo) são tomadas em termos de *astros com luz própria* (domínio-fonte): SER FAMOSO (IMPORTANTE) É SER ESTRELA, uma metáfora já convencional e despojada de um significado místico.

O próximo verbete que escolhemos foi *Fogo*. Chevalier e Gheerbrant (2015) apontam que

A maior parte dos aspectos do simbolismo do fogo está resumida na doutrina hindu, que lhe confere fundamental importância. [...]

O aspecto destruidor do fogo implica também, evidentemente, um lado negativo; [...] A propósito da forja, deve-se observar que seu fogo é a um só tempo celeste e subterrâneo [...]

O Fogo, nos ritos iniciáticos de **morte e renascimento**, associa-se ao seu princípio antagônico, a Água.

A purificação pelo fogo, portanto, é complementar à purificação pela água, tanto no plano microcômico (ritos iniciáticos), quanto no plano macrocômico (mitos alternados de Dilúvios e de Grandes Secas ou Incêndios).

A significação sexual do fogo está ligada, universalmente, à primeira das técnicas usadas para a obtenção do fogo: por meio da fricção, num movimento de vaivém — imagem do **ato sexual** (EL1F). [...]

Assim como o Sol, pelos seus raios, o Fogo simboliza por suas chamas a ação fecundante, purificadora e iluminadora. Mas ele apresenta também um **aspecto negativo**: obscurece e sufoca, por causa da fumaça; queima, devora e destrói: o fogo das paixões, do castigo e da guerra. [...] (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 442-444).

Como podemos observar nos excertos, o *Fogo* é bastante ambíguo: se por um lado é símbolo de purificação e de salvação, por outro é de morte e de destruição. Isso se dá porque, sendo ele uma força da natureza, é imprevisível e volátil. Na liturgia cristã, por exemplo, aqueles e aquelas que não alcançam o céu, a salvação, são direcionadas ao inferno, conforme os escritos de Marcos (capítulo 9, versículos 43-49⁸, grifos nossos):

Se a sua mão o fizer tropeçar, corte-a. É melhor entrar na vida mutilado do que, tendo as duas mãos, **ir para o inferno, onde o fogo nunca se apaga**, onde o seu verme não morre, e o **fogo não se apaga**. E, se o seu pé o fizer tropeçar, corte-o. É melhor entrar na vida aleijado do que, tendo os dois pés, ser lançado no inferno, onde o seu verme não morre, e o fogo não se

⁸ Não há página porque foi retirada de uma versão *online* da Bíblia disponível em <https://www.biblionline.com.br/acf/mc/9/43-49>. Acesso em 28 mar. 2024.

apaga. E, se o seu olho o fizer tropeçar, arranque-o. É melhor entrar no Reino de Deus com um só olho do que, tendo os dois olhos, ser lançado no inferno, onde “o seu verme não morre, e o fogo não se apaga”. Cada um será salgado com fogo.

Além disso, a referência sexual do *Fogo* é bastante conhecida, especialmente pelo simbolismo da paixão e do poder “incontrolável” desse elemento, como também seria o desejo sexual.

No campo da metaforicidade, as metáforas com esse elemento estão relacionadas às características simbólicas que ele carrega, haja vista que o campo simbólico se relaciona com o metafórico em função das conotações usualmente associadas ao *Fogo*. Em outras palavras, nas metáforas, como no conhecido soneto camoniano *O amor é fogo que arde sem se ver*, há o simbolismo do *Fogo* como *paixão*: AMOR (PAIXÃO) É FOGO. Aqui é preciso ressaltar dois aspectos importantes: (i) para a construção dos sentidos, tanto a metáfora AMOR (PAIXÃO) É FOGO quanto a simbologia de *Fogo* recorrem às imagens conotativas que esse elemento evoca (como *força* e *intensidade*); e (ii) ainda que ambos (metáfora e símbolo) recorram às imagens evocadas por esse elemento, há uma diferença crucial entre esses dois processos, pois, enquanto na metáfora há uma dupla influência (*Fogo* influencia o sentido de *amor* e *vice-versa*), no símbolo isso não acontece, porque o elemento *Fogo* não é pareado com outro conceito na construção da significação simbólica.

Como consequência, o sentido simbólico atribuído ao elemento *Fogo* não se dá como resultado de um arranjo composicional, mas como uma evocação das imagens conotativas que melhor respondem às necessidades de significação dentro dos grupos, considerando sempre o conjunto de crenças e de valores desses agrupamentos. Sobre isso, poderíamos também retomar a definição de Gadamer (1976), segundo a qual o símbolo faz uma referência a si mesmo, não ao que está fora. Tal situação também é visualizada com algumas metáforas sobre o coronavírus, nas quais o *Fogo* é tomado como domínio-fonte na metaforização do patógeno. A sentença em (2) é um exemplo retirado do *corpus* Metáforas do Coronavírus na Mídia (MCM)⁹.

(2) A partir de Wuhan, o vírus surgiria em alguns dos muitos territórios do entorno da China –Tailândia, Coreia do Sul e Japão. Transportado de avião, disseminado em ca-

⁹ Trata-se de um *corpus* construído para uma tese em andamento da doutoranda Alice Ribeiro Dionizio sob a orientação do professor Heronides Moura no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

bines, aeroportos e banheiros pelo caminho, o coronavírus chegaria a América do Norte, Europa e Oceania, ainda em janeiro, **alastrando-se pelo mapa-múndi** (FSP, MUNDO, 13/05/2020).

Neste exemplo, o coronavírus é metaforizado em termos de *Fogo*, uma vez que é *alastrado* pelo mundo, o que dá origem à metáfora conceptual CORONAVÍRUS É FOGO. Além disso, há aí uma referência à possibilidade de movimento, o que dá ao coronavírus contornos de objeto que pode ser transportado (o que pode ser também atribuído à metáfora do contêiner). Aqui, assim como acontece com *Estrela*, não há nenhuma referência a um elemento místico.

O quarto verbete escolhido foi *Gato*:

O simbolismo do gato é muito heterogêneo, pois oscila entre as tendências benéficas e as malélicas, o que se pode explicar pela atitude a um só tempo terna e dissimulada do animal. [...]

Pode-se notar, pelo menos à guisa de curiosidade, que tanto na Cabala como no budismo o gato é associado à serpente: indica *o pecado, o abuso dos bens deste mundo* (Devoucoux). Nesse sentido, o gato é por vezes representado aos pés do Cristo. [...]

Na tradição muçulmana, o gato (qalt) é considerado como um animal basicamente favorável, salvo se for preto. [...]

Em muitas tradições, o gato preto simboliza a obscuridade e a morte. [...]

Às vezes, o gato é concebido como um servidor dos Infernos. [...]

Entre os índios pawnees da América do Norte (FLEH), o gato é um símbolo de **sagacidade**, de reflexão, de engenhosidade; ele é observador, malicioso e ponderado, alcançando sempre seus fins. Por essa razão, era animal sagrado, que só podia ser morto com finalidade religiosa e através de alguns rituais. [...]

Depois da sagacidade e engenhosidade vem o dom da **clarividência**, o que leva os povos da África central a confeccionarem [...] *sacolas de remédios* com pele de gatos selvagens (FOUC) (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 461-463).

O simbolismo mais conhecido sobre o *Gato* na cultura ocidental talvez seja o de azar, especialmente relacionado aos gatos de pelagem preta: nos meses em que o dia 13 coincide com a sexta-feira, é comum a realização de campanhas de conscientização para que não ocorram episódios de maus-tratos aos bichanos. A Figura 2 é um exemplo de como esse tipo de campanha acontece em redes sociais, como o *Instagram*, por diferentes órgãos e instituições.

Figura 2 - Exemplo de campanha de conscientização sobre maus-tratos dos gatos pretos na sexta-feira 13



Fonte: Prefeitura de Goiânia (2022)¹⁰.

Contudo, como podemos observar nos excertos do DS apresentados acima, para outras culturas, o mesmo animal pode ser considerado de forma positiva, especialmente por sua personalidade considerada sagaz. Além disso, há uma aura mítica em torno desse animal que faz dele um ser amado por muitos e odiado por outros. No campo metafórico, é bastante comum a utilização do substantivo *Gato* como um adjetivo, indicando beleza física. Expressões como “*Fulano ficou um gato com o novo corte de cabelo*” ou “*Fulana é muito gata!*” são exemplos desse uso metafórico. Como consequência, a metáfora conceptual que faz emergir essa relação é SER BONITO É SER GATO.

Por outro lado, o mesmo substantivo deu origem ao adjetivo *gatuno*, indicando uma característica negativa e inadequada, ou seja, trata-se de um adjetivo para fazer referência a uma pessoa que furta o que não lhe pertence (a exemplo do que os gatos – especialmente em situação de rua – fazem). Dessa forma, temos aqui a presença de outra metáfora conceptual, ou seja, SER LADRÃO É SER GATO (GATUNO).

No caso de *Gato*, as imagens conotativas parecem ser as de *sagacidade* e de *beleza*, uma vez que, nas metáforas discutidas acima, parece haver um pareamento de gato com outros elementos / características (gato-beleza / gato(gatuno) – comportamento repro-

¹⁰ Esta campanha foi postada na página da prefeitura da cidade de Goiânia em parceria com a Agência Municipal do Meio Ambiente (Amma) no dia 13 de maio de 2022 e pode ser visualizada no link <https://www.instagram.com/p/Cdgctqmu9SV/>.

vável). Da mesma forma, essas imagens conotativas estão presentes na construção simbólica de *Gato*, pois ele pode ser considerado um símbolo de azar ao mesmo passo que pode simbolizar a sagacidade (não nos esqueçamos de que *roubar* exige também habilidades – como rapidez, inteligência –, características que são reconhecidamente atribuídas aos felinos). Essa comparação entre *sagacidade* e *beleza* dá-se no campo do composicional, ou seja, a metáfora permite que essas características sejam postas lado a lado, o que não acontece com o campo simbólico: a imagem conotativa não está dada *a priori* no símbolo, mas poderá ser atribuída no momento e contexto adequados. Por exemplo, no Egito Antigo, esses animais eram considerados protetores e guardiões de seus tutores, sendo considerados *portais místicos*, ou seja, a imagem conotativa dos bichanos para esse grupo era a de *proteção*; para os cristãos da Idade Média, por outro lado, a imagem mais reconhecida era a de *morte*, *mau agouro*, *feitiçaria* etc., resultando em uma perseguição aos bichanos (Queiroz, 2010). Segundo a pesquisadora,

Houve época – especialmente na Idade Média – em que os gatos eram, na maioria das vezes, hostilizados, pois foram associados à feitiçaria e tidos como criaturas demoníacas. Ideia essa divulgada sobretudo pela Igreja Católica que para atrair os celtas, pregava que os sacerdotes druidas eram bruxos e porque viviam isolados e cercados de gatos, logo esses felinos eram associados ao diabo, à bruxaria. Os gatos pretos, principalmente, eram perseguidos e queimados em fogueira (Queiroz, 2010, p. 36).

O último verbete pesquisado foi *Sol*:

O simbolismo do Sol é tão diversificado quanto é rica de contradições a realidade solar. Se não é o próprio deus, é, para muitos povos, uma manifestação da divindade (epifania uraniana). Pode ser concebido como o filho do Deus supremo e irmão do arco-íris. [...]

O Sol é a fonte da luz, do calor, da vida. Seus raios representam as influências celestes — ou espirituais — recebidas pela Terra. [...]

Analogamente, o Sol é um símbolo universal do rei, coração do império. [...]

A oposição Sol-Lua abrange geralmente a dualidade Macho-Fêmea. [...]

Em astrologia, o Sol é símbolo de vida, calor, dia, luz, autoridade, sexo masculino e de tudo o que brilha. Se parece ser reduzido pelos astrólogos ao papel de um simples planeta, comparável a um Marte ou a um Júpiter, é principalmente porque a sua influência é, por assim dizer, dividida em dois campos bem distintos: influência direta — sua posição no céu; e indireta sua posição no Zodíaco [...]

Enquanto símbolo cósmico, o Sol ocupa a posição de uma verdadeira religião astral, cujo culto domina as grandes civilizações antigas, com as figuras dos deuses-heróis gigantes, encarnações das forças criadoras e da fonte vital de luz e de calor que o astro representa (Atum, Osíris, Baal, Mitru, Hélio, Apoio etc.). [...] (Chevalier; Gheerbrant, 2015, p. 836-841).

Além de ser considerado um verdadeiro deus, o *Sol* é muito importante em aspectos simbólicos por sua característica mais básica: a luz. Dessa forma, o *Sol* representa a *vida*, o *calor*, o *dia*, o *brilho*. Em resumo, o simbolismo do *Sol* tem muito a ver com a força vital que emana dele. Como não poderia ser diferente, as metáforas com esse elemento tendem a seguir esse padrão de significados, como é o caso de expressões como *o sol da minha vida*, nas quais a metáfora conceptual SER IMPORTANTE É SER SOL emerge: se alguém ocupa o centro da vida de outrem, é considerado um *Sol*, um ser importante, central, assim como essa estrela é para a vida na terra, considerando sua posição na Via Láctea.

O significado da metáfora SER IMPORTANTE É SER SOL emerge porque um pareamento entre os conceitos é realizado, de maneira que *ser importante* é comparado a *ser sol* e *vice-versa*. No aspecto simbólico, essa relação de importância também está presente, ainda que não por meio de uma comparação / aproximação de dois significados: trata-se da própria percepção da importância do *Sol* como *força vital*. Dessa forma, tanto a metáfora quanto o sentido simbólico do elemento *Sol* partem do pressuposto de que esse elemento é crucial, atribuindo-lhe uma função basilar, mas no processo simbólico isso não é construído de maneira pareada, pois outros sentidos podem ser atribuídos a esse elemento (como a referência divina desse astro, o *Astro Rei*, o *Deus Sol* etc.) por meio de contextos específicos.

Como foi possível observar até aqui, ainda que a construção metafórica e a construção dos significados simbólicos não compartilhem entre si uma relação equivalência, há entre eles uma relação bastante interessante, especialmente porque a metaforicidade reflete alguns aspectos do simbolismo. Em outras palavras, tanto a construção das metáforas como a construção do sentido simbólico se dão a partir de uma relação com o aspecto social e cultural. No caso dos símbolos, isso é ainda mais forte, uma vez que determinados símbolos só podem ser compreendidos dentro dos grupos que compartilham certas crenças (Moura, 2012). Além disso, conforme discutimos nesta seção, tanto as metáforas quanto os símbolos utilizam como base a conotação oriunda dos conceitos para a construção dos significados.

5 Considerações Finais

Ao concluirmos este trabalho, acreditamos que conseguimos lograr nossos objetivos estabelecidos, uma vez que conceitualizamos metáfora e símbolo, demonstrando as aproximações e os distanciamentos entre esses dois conceitos a partir da comparação analítica dos exemplos retirados do DS. Além disso, apresentamos como a construção da

metaforicidade dos conceitos também está relacionada, por vezes, à sua simbologia, uma vez que tanto o processo de metaforização quanto o de construção de sentidos simbólicos dependem de aspectos culturais e sociais e das imagens conotativas dos conceitos simbólicos e metaforizados.

Por fim, é fundamental que compreendamos que, mesmo que as relações entre domínio-fonte e domínio-alvo nas metáforas conceptuais não dependam totalmente do significado simbólico, por vezes esses significados acabam sendo reafirmados nas metáforas (como a iluminação do sol, a sagacidade do gato, o reflexo do espelho etc.), pois ambos (metáfora e símbolo) reconhecem as imagens conotativas desses elementos. Em outras palavras, a construção do símbolo e da metáfora parte de um mesmo pressuposto (a imagem conotativa evocada pelos elementos), mas difere-se na sua estruturação: enquanto a metáfora compara um elemento afirmando que ele “é”, ou “aproxima-se de” um segundo elemento, o símbolo indica que “algo é”, deixando em aberto a atribuição desse predicativo (o que deverá ser feito nos grupos e com base em diferentes experiências e crenças compartilhadas nesses espaços). Além disso, se tomamos como base os pressupostos de Gadamer (1976), os símbolos fazem referência a si mesmos, não a outros elementos.

Essa relação apontada por Gadamar (1976) diz respeito, em certa medida, ao que estamos chamando aqui de ausência de composicionalidade simbólica. Como discutimos neste trabalho, a composicionalidade metafórica apresenta-se como um marco diferencial entre os símbolos e as metáforas, pois está ausente na construção simbólica e é fundamental na metaforicidade.

Acreditamos ainda que esse tema pode ser desdobrado em outras investigações a serem realizadas, especialmente pesquisas que utilizem recursos de redes sociais (como *Twitter*) para a busca de exemplos que possam ser comparados aos verbetes apresentados no DS. Esse tema ainda não é muito investigado em língua portuguesa, o que ressalta ainda mais a importância de outras pesquisas sob essa temática.

Referências

ASSIS, M. de. *Papéis Avulsos*. São Paulo: Via Leitura, 2016.

CÂMARA CASCUDO. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10. ed. São Paulo: Ediouro, 1998.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

DAVEY, N.; NIELSEN, C. Gadamer's Aesthetics, *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2023. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2023/entries/gadamer-aesthetics/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

DIONIZIO, A. R. *A metaforização do coronavírus no periódico Folha de São Paulo: uma análise cognitiva, construcional e estatística*. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (no prelo).

GOIÁS. Prefeitura de Goiânia. Agência Municipal do Meio Ambiente Prefeitura de Goiânia. *Gato preto não dá azar*. Goiânia, 13 maio 2022. Instagram: @prefeituragoiania. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cdgctqmu9SV/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

IGLESIAS, F; LÓIA, S. *Espelho de Deus*. São Paulo: Novo Tempo, 2008. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/fernando-iglesias/513727/>. Acesso em: 04 mar. 2024.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago / London: Chicago University Press, 2003.

MARCOS. *Marcos 9*. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mc/9/43-49>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MOURA, H. *Metáfora e Símbolo*. In.: MOURA, H. *Vamos pensar em metáforas?* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012. p. 90-98.

NEVES, Flávia. *Sinônimo de metáfora*. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/metafora/>. Acesso em: 25 mar. 2024.

PENSE. *Espelho da Alma*. São Paulo: Burning London Records, 2011. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/pense/1879552/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

QUEIROZ, N. F. R. de. *Imagens mí(s)ticas do gato*. 2010. 103 f. Dissertação (Mestrado em em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/16288/1/NouraideFRQ_DISSERT.pdf. Acesso em: 28 mar. 2024.

SINÔNIMO de símbolo. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/simbolo/>. Acesso em: 25 abr. 2024.

STRÔNGOLI, M. T. de Q. G. *Metáfora: encruzilhada de signos e símbolos. Rev. Anpoll*, n. 12, p. 187-215, jan./jun. 2002.

TOMASELLO, M. *Why we cooperate: based on the 2008 Tanner lectures on human values at Stanford University*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 2009.

